

## **A Espiral do Silêncio revisitada: pensando os efeitos gregários da mídia sobre o indivíduo<sup>1</sup>**

Luís Francisco MUNARO<sup>2</sup>  
Octavio Gasparini JÚNIOR<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Roraima, RR

### **RESUMO**

Este artigo busca enriquecer o debate sobre a opinião pública pela via do “isolamento social” e da “independência intelectual”. Se o isolamento é a situação em que o indivíduo se vê só, de forma involuntária, a independência intelectual é a situação em que o indivíduo decide estar só e, sendo só, paga o preço pela sua posição independente. Este artigo percorrerá algumas das abordagens sobre opinião pública e “Groupthink”, com especial destaque para a noção de “opinião pública” formulada por Walter Lippman em 1922 e a teoria da “Espiral do Silêncio” publicada em 1972 por Elizabeth Noelle Neuman. Através da articulação de conceitos, busca-se construir uma reflexão concernente ao domínio da opinião pública exercido pelos meios de comunicação de massa a partir dos estereótipos; e, por outro lado, as formas de ação do indivíduo independente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Groupthink; Espiral do Silêncio; Opinião Pública; Estereótipos; Independência intelectual.

Este artigo constitui uma breve reflexão sobre o extenso debate concernente aos meios de comunicação e sua permanente influência social, tentando vislumbrá-lo pela via do isolamento e da independência intelectual. Se o isolamento é a situação em que o indivíduo se vê só, de forma involuntária, a independência intelectual é a situação em que o indivíduo decide estar só e, sendo só, paga o preço pela sua posição independente. Também a tensão entre o isolamento e o pertencimento foi abordada por uma série de estudos, inclusive experimentais, que buscaram testar a capacidade de o indivíduo se manter distante do espírito grupal (ou tribal). Alguns destes estudos que merecem particular destaque são aqueles concernentes à “opinião pública” formulada por Walter Lippman em 1922 e a teoria da “espiral do silêncio” publicada em 1972 por Elizabeth Noelle Neuman. Explicitando-os, buscaremos encadear uma breve reflexão concernente

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos interdisciplinares do 20º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 14 a 16 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRR (Universidade Federal de Roraima). Contato: luismunaro@ufrr.br.

<sup>3</sup> Psicólogo, mestrando em Comunicação Social pela UFRR (Universidade Federal de Roraima). Contato: octaviogasparini@gmail.com.

ao fenômeno da poderosa influência social exercida pelos meios de comunicação de massa a partir dos estereótipos políticos e morais.

Em sua reflexão sobre a “opinião pública”, Walter Lippman discutiu como as crenças e semelhanças opinativas das pessoas podem ser imprecisas e contraditórias com relação à realidade, antes de qualquer coisa baseadas em pseudoambientes produzidos pelos meios de comunicação. “Não é o homem que tem uma ideia, é a ideia que tem o homem” é um dos pontos centrais da sua conceituação dos estereótipos. Para o autor, estes são “pontos de referência, arquétipos, clichês, que permitiriam ao indivíduo navegar no oceano das informações, sem mergulhar na voragem do caos” (LIPPMAN, 2010, p. 30). Em outras palavras, os estereótipos são uma forma de simplificar a complexidade do mundo, oferecendo uma visão pré-concebida sobre as coisas e as pessoas.

A simplificação pode levar a um afastamento da realidade, quer dizer, à criação de uma imagem distorcida daquilo que se pretende retratar. Apontado pelo autor, “os estereótipos são necessários à vida, mas podem ser perigosos à verdade”. É nesse ponto que a opinião pública se torna uma questão relevante. Para ele, a opinião pública não é uma entidade objetiva, que existe por si só, mas sim uma construção social resultante da interação entre as pessoas e as informações disponíveis em determinado momento. Nesse sentido, ela é influenciada pelos estereótipos: quando um estereótipo se torna amplamente difundido, ele passa a ser considerado como verdade mesmo que não corresponda à realidade. E, para a sua orientação no mundo concreto, as pessoas são intimamente dependentes deles, sendo a manipulação dos estereótipos também a manipulação do senso comum, que diz respeito a como o indivíduo age, como vê o mundo e como se *identifica*.

A partir da Idade Moderna, a mídia passou a desempenhar um papel fundamental na formação da opinião pública e dos estereótipos a ela inerentes, tornando-se mesmo hegemônica após os anos da revolução industrial, fenômeno denominado por Jurgen Habermas de “feudalismo industrial” (HABERMAS, 2014). No processo entendido como “gatekeeping”, as empresas selecionam as informações que serão divulgadas e é por meio delas que os estereótipos são disseminados a partir da seleção, recorte e narração de eventos. Evidentemente, a mídia não é a única fonte de estereótipos. Eles também são criados e perpetuados por meio de uma enorme quantidade de relações sociais. Segundo o mesmo Lippman, os estereótipos refletem as visões preconcebidas que as pessoas têm umas das outras, e são reforçados pela falta de contato e de diálogo entre os diferentes

grupos sociais (2010). Nesta mesma direção, devemos aos pensadores marxistas a ideia de que, em crescente isolamento uns dos outros, os indivíduos tornam-se mais e mais dependentes dos estereótipos fornecidos pela indústria cultural para a sua orientação concreta (ADORNO e HORKHEIMER, 1985).

Os estereótipos são assim fundamentais para as nossas escolhas, as nossas atitudes e até mesmo a nossa personalidade, mas sobretudo a identidade coletiva na qual ingressamos e, com ela, todo um conjunto de crenças socialmente estabelecidas (LIPPMAN, 2010). Através dos estereótipos os indivíduos ingressam num processo de consenso fabricado, consenso que permite que o indivíduo deslize pela vida de forma relativamente pacífica (aquela tranquilidade anônima do indivíduo que, ao ler um jornal, ingressa num sentimento de pertencimento, na sugestão já clássica de Benedict Anderson). Evidentemente, o consenso fabricado em torno de determinadas opiniões coletivas raramente é o resultado do debate de indivíduos com opiniões diferentes que buscam alcançar uma compreensão mais próxima da realidade. Pelo contrário, o consenso pode ser influenciado por fatores como a liderança de determinados indivíduos ou grupos e a forte presença dos estereótipos, quer dizer, naquilo que já se tornou um clichê afirmar, o consenso pode ser e constantemente é um efeito do poder exercido por uns indivíduos sobre os outros.

Ajudando a dimensionar o indivíduo diante do grupo, o papel da opinião pública, o risco de isolamento e os estereótipos, estão os estudos concernentes ao “Efeito Groupthink” (JANIS, 1991). Esse conceito foi estudado pela primeira vez pelo psicólogo social Irving Janis na década de 1970. O predomínio do Groupthink ocorre quando um grupo, em busca de harmonia e coesão, evita o conflito e a divergência de opiniões. Os membros do grupo tendem a suprimir suas dúvidas e preocupações legítimas para manter a aparência de concordância e evitar a “dissonância cognitiva”. Uma vez tendo tomado decisões erradas baseadas em equívocos, os indivíduos tendem a “confabular”, quer dizer, a adotar arrazoados de ideias que justificam suas crenças (TOSI e WARMKE, 2021, p. 47), e o poderão fazê-lo, conforme a sua inteligência, com notável desenvoltura (e, sem dúvidas, mesmo caminhões de livros serão escritos para justificar a adoção de uma premissa equivocada). Noutras pesquisas recentes que concernem ao mesmo fenômeno do Groupthink, o sociólogo Robb Wiler sugeriu, a partir de experiências degustativas, que as pessoas não apenas adotam crenças equivocadas pela pressão grupal, mas se

tornam defensoras fervorosas destas mesmas ideias equivocadas pelo simples motivo de a julgarem uma “opinião geral”. Pior ainda, muitas vezes estes indivíduos punitivos sabiam que suas crenças eram equivocadas e mesmo assim as defendiam ferozmente! (TOSI e WARMKE, 2021, p. 68).

O condicionamento que as pessoas recebem do grupo, dos estereótipos e da construção da opinião pública foi magnificamente bem compreendido pela teoria da "Espiral do Silêncio", elaborada por Elisabeth Noelle-Neumann em 1977. Sua obra descreve como a pressão social e o medo de isolamento levam as pessoas a suprimirem opiniões impopulares e a aderirem à opinião majoritária para evitar o ostracismo social. Esta espiral pode resultar em uma aparência de consenso, onde as opiniões minoritárias são silenciadas e as opiniões majoritárias são amplificadas, levando a uma distorção da realidade e à supressão do pensamento crítico e independente. Pode-se notar que, tanto o efeito do Groupthink como a Espiral do Silêncio têm em comum a tendência de conformidade social e a supressão de opiniões dissidentes, o que, correlacionado com os experimentos sociais dos tipos mais diversos (como os detalhados por Cristina Jiménez, 2013), nos levam a perceber que o pertencimento grupal é capaz de limitar drasticamente na mente do indivíduo a própria percepção da realidade.

O silêncio em público cria a ilusão de que a opinião majoritariamente veiculada é a única opinião aceitável, o que leva a uma espiral em que as opiniões minoritárias se tornam cada vez mais silenciadas. A autora também argumenta que a pressão social para se conformar à opinião majoritária é tão intensa que as pessoas são capazes de internalizar estereótipos e opiniões como seus próprios, levando à supressão de suas crenças e mesmo de sua relação individual com a realidade. Por outro lado, levam as pessoas a constantemente reafirmarem determinadas posições, ainda que duvidosas e equivocadas, para se colocarem no interior da opinião majoritária, fenômeno identificado como “grandstanding” ou “virtuosismo moral” (TOSI e WARMKE, 2021).

Noutro estudo bastante sugestivo sobre os efeitos nocivos do isolamento social, Ethan Kross investigou a neurofisiologia do cérebro do indivíduo rejeitado, constatando que a autopercepção de rejeição afeta áreas do sistema nervoso associadas à dor física (2011). A teoria se baseia em estudos de neuroimagem e experiências psicológicas para entender como a dor social é processada pelo cérebro. O autor demonstrou que o cérebro reage de maneira semelhante à rejeição social e à dor física. Assim, a dor do isolamento

social pode ter uma base biológica, reforçando a noção de que a dor emocional é uma experiência real e tangível que impele o indivíduo num nível inconsciente para a concordância social.

A teoria de Noelle-Neumann, dada a complexidade do fenômeno do pertencimento social e da dor da rejeição, é possível entender o isolamento ao qual a espiral do silêncio está associada como um redemoinho invisível que aprisiona os indivíduos em suas próprias ansiedades. Quando as vozes dissonantes são silenciadas e as ideias contrárias são rejeitadas sem consideração, recebendo rótulos que exageram o seu potencial ofensivo, o grupo pode cair em um estado perigoso de conformidade cega com as suas próprias normas. Nesse estado, a sabedoria coletiva é comprometida, as falhas são ignoradas e decisões precipitadas são tomadas sem qualquer escrutínio.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Economist Intelligence Unit (EIU). **Democracy Index Report 2022**. Disponível em: <https://www.eiu.com/n/campaigns/democracy-index-2022/>. Acesso em Abr/2023.

HABERMAS, Jurgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

JANIS, Irving. “Groupthink”. In GRIFFIN (Ed.) **A First Look at Communication Theory**. New York: McGrawHill, 1991, pp. 235 – 246.

JIMENEZ, Cristina Martín. **Perdidos**. Madri: Ediciones Matrínez Roca, 2013.

KROSS, Ethan. “Social rejection shares somatosensory representations with physical pain”, **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**. March 28, 2011 Disponível em: <https://doi.org/10.1073/pnas.1102693108>. Acesso em Abr/2023.

LIPPMAN, Walter. **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

NOELLE-NEUMAN, Elisabeth. **Espiral do silêncio**. Florianópolis: Estudos Nacionais, 2019.

ORTEGA Y GASSET, José. **Rebelião das Massas**. Livro Ibero-Americano: Rio de Janeiro, 1962.

SCRUTON, Roger. **Como ser um conservador**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

TOSI, Justin e WARMKE, Brandon. **Virtuosismo moral, grandstanding**. As ideias por trás dos cancelamentos, boicotes e difamações nas redes sociais. Barueri: Faro Editorial, 2021.